

CINEMA NO BREJO

CRUZAR AS
HISTÓRIAS DAS
BARRAS DE BARRA
DE CAÇATEIA

UMA OUVINHA
LINDA LINDA

FILME DE
TERRA
NO MUSEU DAS
CENÓTIAS DE
PORCELANA

LOCOMOTIVA
ANTIGA VINDA
DE VITÓRIA
(RECONSTRUÍDA
PÓS-SEGUNDA GUERRA)

Um local
público dentro
da zona sem
serviço de água
menormente
barragem
inicial

FILMAR O
HISTÓRICO DA
MANUFATURA
CANA

FILMAR O
HISTÓRICO
DE UMA CASA
DE CAÇATEIA

ADQUIRIR O
CONTEÚDO
DE
MÚLTIPLOS

Quem é quem
na história
de Caçateia
Documentário no qual
se fala de quem
foi quem em
Caçateia em
1900

A PERMANÊNCIA
DE VIDA

PARA TODAS
AS VÍDEAS
TRANSMISSÃO
DE QUALIDADE

CONTEÚDO
DE QUALIDADE
(CANA)

FILMAR
DE QUALIDADE
E APROVAÇÃO
DE QUALIDADE

UMA PUNHAÇA
DE QUALIDADE
DE QUALIDADE

FILMAR
SITUAÇÃO
DE QUALIDADE

de qual
de qual

FILMAR
A
SENTE
DE QUALIDADE

de qual

de qual

de qual

FILMAR
DE QUALIDADE
DE QUALIDADE

de qual

de qual

de qual

de qual

de qual

de qual

de qual





Índice

É TEMPO DE COLHEITA

OS CICLOS

VIVÊNCIAS

CINE BREJO

NOSSA TURMA

REALIZAÇÕES

EXPOSIÇÃO



atrizes e atores e profissionais atuantes em diversas localidades na região do Maciço do Baturité - CE, realizando, assim, um intercâmbio de saberes pautado pela aproximação com a realidade local nas mais diversas áreas, como agricultura, biologia, turismo, formação em artes etc.

O Cinema no Brejo desenrolou-se com múltiplos deslocamentos entre comunidades e municípios vizinhos. Nossa turma percorria diferentes distâncias para chegar até nosso ponto de encontro, um espaço de convivência que se situava na interseção entre algumas localidades, como o Uirapuru/Brejo, Jesuítas, Mulungu, Conjunto Padre Pedrosa, Lameirão e Catolé. Logo cedo pela manhã, dentro do ônibus a caminho do Sítio São Roque, no Mulungu, ou da Associação de moradores do Uirapuru, no Brejo, já acontecia o primeiro encontro do sábado. A curiosidade em desvendar o cinema, o

desejo de manusear os equipamentos, as histórias por inventar pautavam as conversas até o destino. A cada aula, os processos criativos eram ativados pelas proposições práticas, desdobrando-se em fotografias, vídeos, planos, contra-planos, mise-en-scenes, performances e jogos. O fazer cinema, portanto, como forma de fabular sobre o cotidiano e reativar histórias e memórias que já habitavam o imaginário.

Neste cenário, apostamos que a cultura e a arte são um direito de todos e todas. Acreditamos que a descentralização das ações culturais leva a democratização do acesso ao ensino do cinema como prática do cotidiano, como meio de narrar e escutar suas próprias histórias e como forma de dar a ver o pertencimento a um território. Apostamos em um cinema que se faz através das práticas de formação em audiovisual nas (e com) as

escolas, que desenvolve ações com assentamentos, comunidades indígenas, em regiões rurais e nas periferias das cidades. Um cinema engajado num movimento constante de luta pela democratização dos acesso aos meios e ferramentas de comunicação e expressão de nossa sociedade. Desse modo, com as sessões abertas do nosso cineclube itinerante, o Cine Brejo, apostamos na força do cineclubismo como uma ação que amplia o acesso ao cinema, constitui platéia e compartilha os processos de viabilidade e visibilidade dos filmes cearenses, nordestinos e nacionais, e filmes realizados em processos de formação, desenvolvendo diferentes formas de traçar alianças e estar em coletividade.

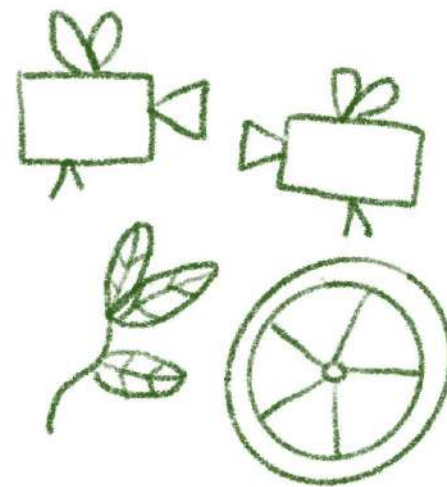
Na força da experiência vivida, abrimos os processos e fazemos circular o material produzido durante o percurso formativo do Cinema no Brejo, que resultou na exposição/ instalação colaborativa

“É Tempo de Colheita: processos e criações do Cinema no Brejo” e nesta publicação, que tem o desejo de compartilhar e relatar as vivências do projeto, fazendo circular em texto e imagem a experiência vivida em sala de aula. O tempo, o clima, a geografia, os saberes, as pessoas e suas memórias atravessam histórias, canções e também viram filmes. Dedicamos esta publicação e nossa exposição a nossa turma do Cinema no Brejo.

Convidamos vocês a mergulhar conosco nessas histórias e conhecer alguns dos momentos vivenciados ao longo do curso.

Ana Paula Vieira, Clara Bastos, Rúbia Mércia e Leonardo Câmara.

Equipe de Coordenação Pedagógica do Projeto Cinema no Brejo - Laboratório Rural de Formação e Experimentação Audiovisual.



OS Ciclos: Brincar, trabalho e Terra

Durante o percurso formativo do Cinema no Brejo, ocorreram três ciclos de formação, com duração de um mês cada, que foram pautados por temáticas que guiavam os encontros: TERRA, TRABALHO e BRINCAR. A ideia era que essas questões fossem abordados pelas oficinas sempre

em intercessão com as práticas audiovisuais, de modo a dar visibilidade ao contexto contemporâneo de vida, cultura, trabalho e práticas do brincar, a partir da perspectiva dos próprios sujeitos nos distintos espaços de produção do real.

Ao longo do Ciclo Brincar, pensamos a prática de exercícios que apresentavam a linguagem audiovisual como uma brincadeira, uma ferramenta de apreensão das pequenas narrativas e subjetividades que povoam o nosso cotidiano. Desse modo, aguçamos nossa sensibilidade para mapear o entorno das casas, descobrir os espaços de vizinhança, observar os movimentos da rua, coletar os sons dos trajetos e fabular sobre nossas próprias histórias. Uma experiência que estabelecia um outro sentido para as imagens e sons diante da possibilidade de diversas montagens e composições

que tornavam o cotidiano um terreno fértil para a invenção.

No Ciclo Trabalho, os gestos que atravessavam os ofícios locais foram o mote para as práticas audiovisuais. Investigamos os trabalhos tradicionais realizados na região com um enfoque maior nas atividades lideradas por mulheres. Nesse sentido, as oficinas abordaram problemáticas sobre como filmar corpos em situação de trabalho, a relação ética entre quem filma e quem é filmado, as possibilidades estéticas de construção narrativa com o outro, a investigação dos diferentes tipos de abordagens documentais e a reflexão sobre conceitos como real e ficção. Para além do conceito de trabalho como uma atividade laboral, as oficinas partiam também de um entendimento do trabalho como um

exercício corporal, uma coreografia de gestos, uma experimentação física de nossa presença coletiva no espaço.

Logo após, encerramos nosso percurso com o Ciclo Terra, onde investigamos a relação do audiovisual com as práticas ligadas ao cultivo da terra e ao território rural. O cinema tornou-se uma forma de aproximação com os saberes tradicionais existentes na região: redescobrimos os quintais produtivos e as farmácias vivas, conversamos com agricultores e agricultoras, artesãos e artesãs e buscamos conhecer as lendas e fábulas que habitam o imaginário local. Nossas vivências compreendiam a terra como um lugar de permanência e de preservação da identidade e do imaginário de uma comunidade. Ao cultivar nossas memórias, estávamos escrevendo nossas próprias histórias.



Vivências

Durante os ciclos, foram realizadas vivências que extrapolam o campo do audiovisual para pensar as possibilidades de invenção e fabulação a partir do espaço. Os convidados são artistas ou pesquisadores que experimentam práticas atravessadas por temáticas já trabalhadas e propõem ações coletivas que estimulam a produção artística.



Brincar com o cinema

Neste dia, buscamos exercitar a fabulação, a partir de um jogo com as palavras, de um novo olhar para as nossas imagens e da experimentação com os sons e instrumentos produzidos por nós.

“...o resultado foi muito interessantes e mostrou a grande capacidade criativa dos jovens, tivemos ótimas montagens e a certeza de que com poucos materiais e com criatividade podemos construir produtos artísticos lindos, fiquei muito feliz com o resultado e com a oportunidade de contribuir para a formação artísticas dos jovens e também aprender bastante com eles”.

*Vanildo Franco
facilitador convidado.*

“O dispositivo era o seguinte: a turma era dividida em grupos de no mínimo quatro integrantes e dentro do grupo eles escolheriam quem ficaria responsável pela trilha sonora e quem ficaria responsável pela montagem das imagens. Juntos eles criaram o roteiro do que eles apresentariam, cada grupo selecionou 10 palavras do banco de palavras e criaram um poema/cartela/roteiro a ser desenvolvido por eles em imagens e sons.

A equipe responsável pelo som se reuniu em grupo com o facilitador local e a partir da junção e do manuseio de simples elementos como materiais recicláveis, embalagens e outras coisas coletadas e trazidas por eles, criaram uma série de objetos sonoros que fariam a sonoplastia das cenas”.

*Thais de Campos
facilitadora convidada*





Corpo em movimento

Durante o encontro, nos colocamos em movimento, a partir de exercícios com o corpo que investigavam os gestos e inventavam formas coletivas de habitar o espaço.



Cinema no Brejo é um convite para dialogar, caminhar com as diferenças, perceber nossa potência e se potencializar com as vivências compartilhadas, abrir bem os olhos, preparar os ouvidos, colocar a mão na massa, refletir nosso tempo coletivamente, apreciar e aprender também com outras pessoas que vivem no Brejo e nas suas redondezas, afetividade, diversão, maratona de atividades, criatividade, esforço, empenho, suor, rotas, conhecimento e fortalecimento da juventude que é tão inspiradora e cheia de garra. Enfim, uma oportunidade ao encontro planejado e regado com carinho e atenção para nos abastecermos da troca riquíssima que é vivenciar vários mundos e modos para se viver juntos.”

*Nataly Rocha
facilitadora convidada*





Escutar o entorno

Conversamos um pouco sobre a formação do som e seus aspectos físicos, como frequência sonora, ondas sonoras, paisagem sonora etc. Depois partimos para o sítio do produtor de café Marcos Arruda, onde fizemos uma caminhada sonora e exercício de gravação dentro do cafezal.

“Iniciamos com o histórico do sítio, depoimentos, todos os participante puderam contribuir com suas experiências e conhecimento sobre o tema, tirando dúvidas e sugerindo ações. (...) Abrindo assim a temática da história, agroecologia, produções orgânicas locais e a necessidade do reconhecimento”.

*Marcos Arruda
Facilitador local*

“Os alunos falaram sobre que sons tinham escutado no caminho de casa até a escola e que sensação os sons traziam. Mostramos alguns sons, desde sons do corpo até sons do espaço sideral, para eles acessarem o lugar da escuta e conversamos um pouco sobre as sensações.

O mais gratificante foi ouvi-los falar dos projetos de filmes que queriam fazer e que sons queriam criar ou captar. Tentamos deixar um pouco da inspiração que o ouvir pode trazer, e mesmo que não acessem tudo momentaneamente, sinto que em algum momento da vida de cada um esse dia, essa vivência, as conversas e os sons ouvidos serão acessados. A reverberação vai no corpo e ressoamos o que vivemos”.

*Vivi Rocha
facilitadora convidada*





Olhar através da Câmera

Durante a vivência, nos aprofundamos em algumas técnicas de fotografia e no aprendizado do manuseio das câmeras fotográficas.

“Dentre olhares por vezes curiosos e atentos os alunos do Projeto Cinema no Brejo foram bastante receptivos na Vivência de Câmera para filmagem. Após revisão dos conceitos básicos e fotometria, enquadramento seguido de exercício prático os alunos “ansiosos” soltaram a criatividade captando imagens pelos arredores do Sítio São Roque em Mulungu.”

*Claudio Amaro
facilitador convidado*

Um exercício de montagem

Reassistimos juntos as imagens que foram gravadas durante a realização dos trabalhos finais. Cada equipe foi, a seu modo, pensando como dar forma a todo aquele material que tinham em mãos.

“O que vi no Cinema no Brejo foi uma possibilidade, um modo de a educação atuar, leve, sorridente, gostando do encontro, das barulhos e das nuances de cada pessoa envolvida no projeto.

Imagino que afinal deve ser disso que a educação e ou qualquer processo formativo deve ser feito, de encontros com todas as complexidades existentes em cada uma das subjetividades que ali estão”.

*Kiko Alves
facilitadora convidada*





Cine Brejo

O Cine Brejo é um cineclube itinerante que surge a partir do desejo de aproximação e intercâmbio entre comunidades rurais vizinhas na região do Maciço do Baturité (CE). Nessa experiência, os filmes exibidos são tomados como ativadores de discussões acerca de questões próximas do cotidiano e do imaginário local das comunidades. Diante da escassez de políticas públicas para a cultura e da dificuldade de circulação dos filmes na região, apostamos na atividade cineclubista como um lugar para se criar correspondências, articulações, compartilhar experiências vividas, mas também para instigar um olhar para as diferenças, propondo outras relações possíveis e abrindo um campo de possibilidades

para o diálogo. Uma forma de fortalecer as identidades e produções locais, a partir de um gesto de avizinhamo que potencializa o encontro entre as comunidades e o cinema.

A tela ao ar livre, as cadeiras organizadas, a ausência de luz, a projeção e o som geram expectativa naqueles que transitam pelos espaços escolhidos para a exibição. Alguns se aproximam, outros preferem olhar de longe e, aos poucos, vamos agregando pessoas em torno da sessão. Grande parte do nosso público é composto por crianças ou jovens. Desse modo, procuramos contemplar produções locais de temática livre que, em sua maioria, foram realizadas em contexto de formação, por meio de uma curadoria que se faz em companhia de filmes que afirmam a potência do trabalho coletivo e comunitário, abordam questões ligadas aos direitos humanos,

retratam costumes e expressões da cultura local e estimulam a proteção e o cuidado com a natureza e o próprio território.

A programação do Cine Brejo, com o intuito de promover a difusão de filmes nacionais, regionais e principalmente cearenses, é motivada por um modo de fazer que aponta para a democratização do acesso ao cinema produzido no País. Ao longo das 19 sessões realizadas, o cineclube já percorreu 11 espaços em diversas localidades na região do Maciço de Baturité (CE), exibindo 35 filmes do cinema brasileiro recente e estimulando reflexões acerca das relações que se estabelecem por meio do fazer cinematográfico. Pelo caráter itinerante, o cineclube prioriza a utilização de espaços abertos ao público, como praças, muros, pátio de escolas ou campos de futebol, e conta com uma rede de colaboradores que







Nossa turma

Bom, o curso Cinema no Brejo começou no ano de 2018 e fiquei muito empolgada com isso. Com os meses passando, comecei a sentir que estava no melhor lugar, com o curso crie uma rotina nos meus finais de semana que adorei. Esse curso me fez mudar as formas de um posicionamento de uma foto ou um vídeo. Conheci pessoas ótimas pessoas que jamais esquecerei e que fizeram os cinco meses de curso serem os melhores.

Gabriele Menezes, 15 anos, Catolé - Mulungu - CE.

Nunca pensei que teria a oportunidade de aprender sobre audiovisual aqui no Maciço de Baturité, até que o projeto Cinema no Brejo apareceu. A experiência no curso foi ótima, com professores focados em ensinar e colegas bastante gente boa, além de ampliarmos nossos conhecimentos ainda tivemos o prazer de cultivar novas amizades. Acho muito interessante esse tipo de projeto sendo lançado nos interiores do nosso Brasil, o incentivo a cultura é importante para qualquer país, ainda mais quando se é aplicado em regiões onde a maioria predominante é pobre. Todos temos direito a educação de qualidade, o Cinema no Brejo provou que isso é possível, com aulas de campo podíamos criar imagens, sons, brincadeiras e resenhas, nas aulas em sala aprendemos como fazer edições de vídeo, debatemos ideias e em muitas vezes com participações de convidados. Espero que o projeto continue, e traga novas surpresas no futuro.

Cristiano Filho, 18 anos, Jesuitas² - Baturité - CE





O projeto cinema no brejo foi uma experiência incrível, onde eu e os demais integrantes do curso tivemos a oportunidade de ter o primeiro contato e experiência com o cinema.

Tivemos diferentes vivências e ciclos com várias participações, onde só contribuí e abrangeu nosso conhecimento. Durante essas vivências produzimos sons, vídeos e imagens de diversos ângulos e planos, o que foi fundamental para a construção dos nossos curtas-metragens. Tivemos também cineclubes e oficinas ao ar livre com sessões de cinema em várias localidades.

Aprendi que o cinema vai muito além do filmar ou bater fotos, você entra em um mundo diferente. Nós imaginamos, criamos e produzimos histórias que podem ser compartilhadas nas mais diversas formas e isso é incrível. Momentos rotineiros, coisas do dia a dia, o que antes passava despercebido aos olhares humanos vira memória em um click de uma câmera.

O projeto foi de extrema importância para a comunidade, pois só enriqueceu nossa cultura e conhecimento.

Geiziane Alves, 18 anos, Conjunto Padre Pedrosa - Mulungu - CE



Faça você mesmo

Exercício 1

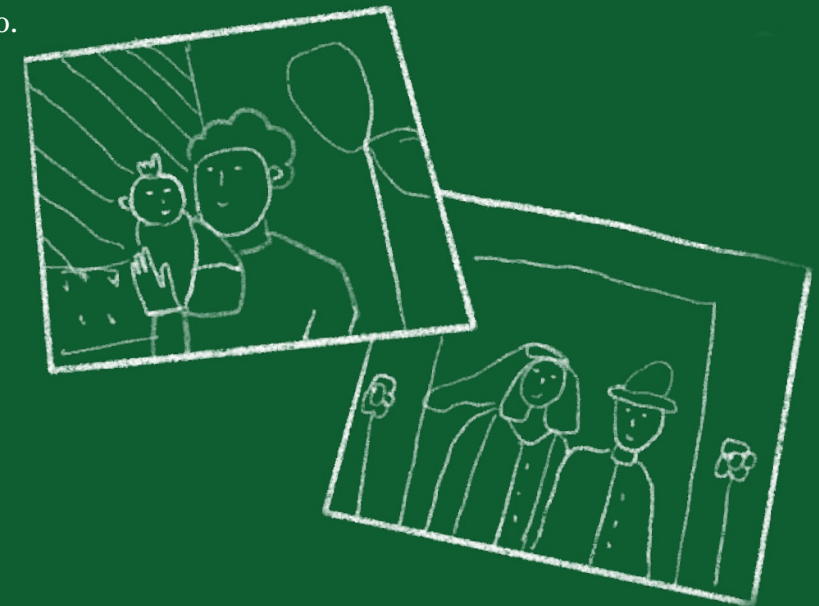
O cinema nos faz pensar constantemente sobre a criação de cenas: o que vemos dentro do quadro, quais ações estão enquadradas, que sons escutamos. Ao assistir um filme, somos atravessados por algumas questões: Por que esse enquadramento? De onde vem esse som? De que forma escolhemos ver as ações do quadro?

Proposta: A partir de uma narrativa inventada, refletir sobre as escolhas da criação, anotar quais ações acontecem na cena e quais são os planos e sons serão escolhidos para representar a história.

PLANO	AÇÃO	SOM

Exercício 2

Existem algumas fotografias que constituem a nossa memória e muitas histórias, sujeitos e modos de vida possíveis atrás de uma imagem. Ao olhar para nossas fotografias antigas, podemos indagar em que contexto foram tiradas e qual o valor afetivo as atravessa, mas também explorar novos pontos de vista e experimentar possibilidades de criação através da fabulação.



Proposta: Ao longo da semana, escolher fotografias antigas para exibir no encontro. Depois conversar com os colegas sobre o contexto e o valor afetivo de cada fotografia para, em seguida, reunir equipes que irão inventar outras narrativas para as fotografias apresentadas.

CONHECER

NOVOS AMIGOS

CRESCIMENTO do AMOR pelo CINEMA

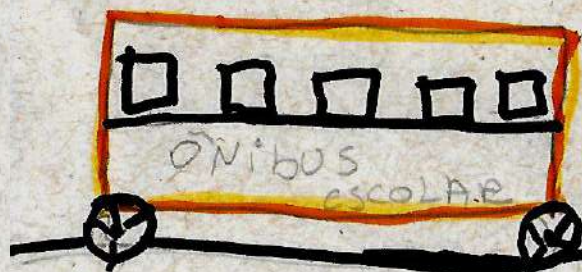
ESCAPE

TECNICAS DE FILMAGEM

CINEMA

BREJO

PONTAPÉ R. PRA PROJETOS MEUS



GRATIDÃO
TODOS A

Sítio
Rogério

Cinema
no brejo.





Inventar para conhecer

Durante o primeiro encontro do Cinema no Brejo, desenhamos e escrevemos sobre uma cartolina em branco possíveis lugares, memórias, personagens e histórias que desejávamos filmar ao longo do curso. Após alguns minutos, a cartolina transformara-se em um grande mapa, uma espécie de cartografia que abrigava camadas visíveis e invisíveis do imaginário e do território: o caso de uma antiga curandeira que se transformava em lobisomem, um suposto cemitério indígena na mata, um antigo mosteiro abandonado, as longínquas memórias do seu Zé Maria, cachoeiras desconhecidas, aparições alienígenas, igrejas históricas, árvores frondosas, jogos de futebol etc.

Nos apropriamos do mapa como um conjunto de pistas que nos apontaram caminhos para as aventuras que vivenciamos juntos, ao longo do curso, com a máquina-cinema. Ora nosso olhar se voltava para movimentos e objetos infra-ordinários, pequenas narrativas do comum, como fotografias familiares, gestos cotidianos dos colegas do curso, micro-dramaturgias da vizinhança, ora se lançava em busca de histórias e fabulações mais distantes, complexas, inusitadas, como as ficcionalizações elaboradas a partir da memória coletiva, do imaginário comum compartilhado, dos desejos de narrar o território a partir da imaginação, da fantasia, do inesperado.

A partir da prática de olhar para o entorno através de um olhar inventivo, exercitado ao longo de todo o percurso formativo, foram realizados ao final do curso quatro trabalhos audiovisuais:

Caridade, Serra dos ET's, Lavadeiras e Modos de Vida. Nossa turma se dividiu em quatro equipes e, a partir do mapa esboçado no começo do curso e também de outras ideias que foram surgindo nas oficinas, foi decidido coletivamente quatro questões que guiarão suas histórias. Diante das escolhas, escrevemos uma espécie de roteiro para cada trabalho que acolheu também imagens, desenhos, ideias e frases soltas, transformando-se quase que em um mapa-roteiro intuitivo para a filmagem.

O resultado foi a realização de quatro filmes que narram recortes de suas comunidades e imaginários de uma forma muito singular e inventiva. Em Caridade, cinco garotos reencenam uma história de suspense e mistério em um mosteiro abandonado na localidade dos Jesuítas. No documentário Serra dos ET's, os entrevistados são moradores que presenciaram, há 10 anos atrás,

um caso de aparecimento de OVNI's no Mulungu. Em Lavadeiras, duas garotas reencenam e reavivam uma prática tradicional de lavar roupas no rio. Em Modos de Vida, os cotidianos e rotinas de estudo e de trabalho de jovens da região são entrecruzados pela montagem, fazendo-nos mergulhar em um pequeno recorte de suas vidas.

Apesar de apostarem em abordagens bem diferentes, os quatro filmes experimentam em suas escrituras artificiais singulares para lidar com o real. Todos eles parecem compreender a dificuldade de nos relacionarmos com a realidade e com a memória por uma via direta, por sua simples reprodução. Ao contrário, necessitamos da invenção, da encenação e da imaginação para poder enxergá-la. Para nos aproximarmos de nossas histórias, é preciso também inventar novas histórias. O poder do cinema está justamente aí: toda matéria viva é matéria de invenção.

Realizações





OVNIs no Ceará: os casos já somam 320

avistamentos de
ra última, o
ra um total de
catalogados e
ufológica. E os
ro de Pesquisas
que eles devem
o, "porque os
to e agosto são
esse tipo de
na Belloto, do
lada por outros
esse período, os
e permitem a
etos "Voadores
uma dimensão
cida.

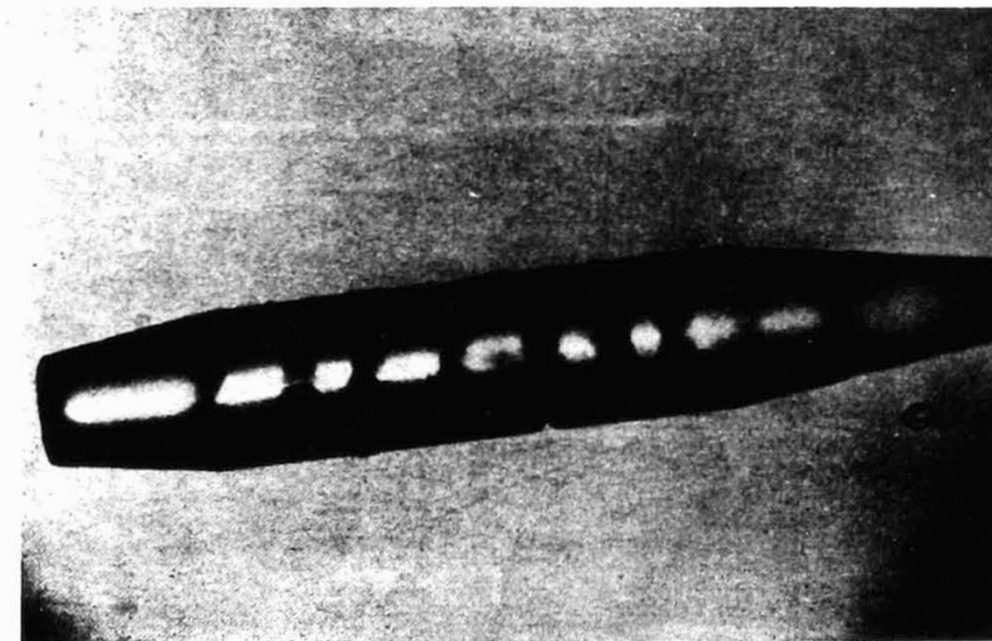
de junho que o
a primeira vez a
tos misteriosos
dos Unidos, o
Arnold avistou
o de 1949 um
forma de prato
de sua cidade.
o registro de
edido, a ponto
presa espacial
interessar pelos
os nesse setor

GRAU
ma quarta-feira
estudos pelas

dezena de pessoas ligaram para sua
entidade nas últimas horas
contando sobre o avistamento do
objeto misterioso que sobrevoou a
cidade.

Para Reginaldo Athayde, os
relatos que chegaram ao CPU a
partir das 14 horas de quarta-feira
podem ser classificados como de
contatos de primeiro grau. "As
pessoas viram o objeto passando",
explica ele. Isso para o estudioso
desse tipo de fenomenologia desde
1958 é muito comum no Ceará.
Mais de 300 casos já foram
pesquisados por sua entidade,
alguns muito curiosos.

Em Quixadá, no dia 23 de abril
de 1979, Luiz Fernando Barroso
comerciante naquela cidade. "foi
sequestrado quando voltava para
casa e ao retornar começou a
regredir mentalmente. Hoje, todo
mundo em Quixadá sabe de seu
caso, e seu Barroso tem a idade
mental de uma criança de 1 ano".
Outro caso catalogado pelo CPU
teria ocorrido com João Lyra Neto,
residente na Maraponga, no dia 12
de agosto de 1983. Naquele dia, à
noite, João voltava para casa
quando teve sua atenção chamada
para um objeto estranho em cima
da lagoa de Maraponga. O jovem ao



Objeto semelhante a este teria sobrevoado os céus de Fortaleza na última quarta-feira

O Centro de Pesquisas Ufológicas, sob a direção de Jean
outubro de 1974. "A senhora Oliveira, 52 anos, conhecida por
estava tomando banho numa lagoa Natividade, diz que viu o objeto

surpreendi Ti
charuto; a pri
eu tive era de
as cápsulas de
dona Natividade
Odilon 189, no

O objeto es
numa velocid
flutuando sob
cor de chum
reluzia. "Eu
que chamei m
filhos para ve
pedaço de
estivesse caid
uma foguete
desprendido e
um tubo que
A sua rota, seg
quem o viu
para o sertão
Piauí", chegou
dono-da-casa M

Para Reginal
Belloto do
Ufológicas, o
ligaram para
a visão se a
outros casos
centros de
inteiro. "Os
estão cheios

Caridade

Curta-Metragem - 8:37

ficção

Um grupo de amigos decide se aventurar em um antigo mosteiro abandonado no pequeno vilarejo Jesuítas, no Maciço de Baturité (CE).

Serra dos Ufós

Curta-Metragem - 9:50

documentario

Em Mulungu (CE), no Maciço de Baturité, as histórias sobre objetos voadores são muito recorrentes. Muita gente jura ter visto luzes estranhas se movendo no céu, em locais e dias diferentes.



Modos de vida

Curta-Metragem - 8:26

documentário

Fragments of the daily life of young people in the Maciço de Baturité region.

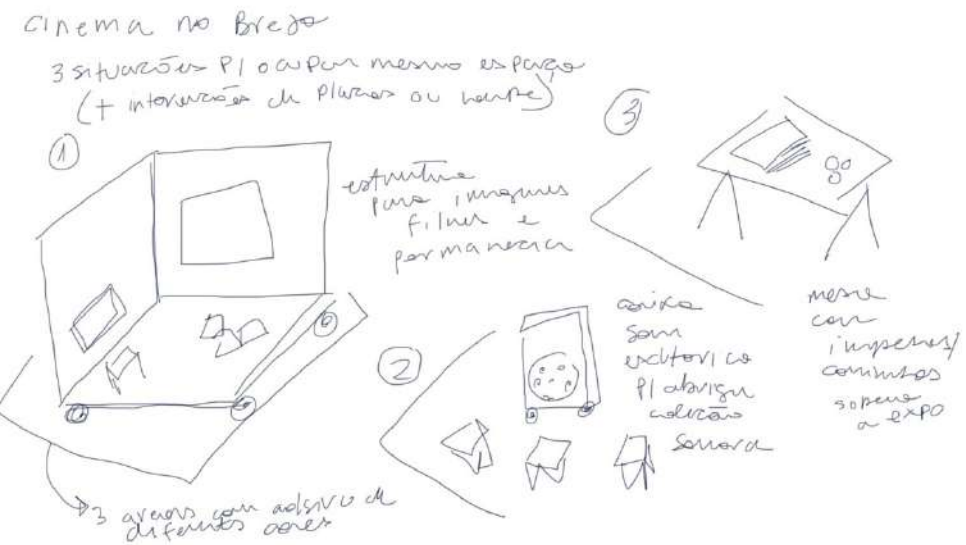
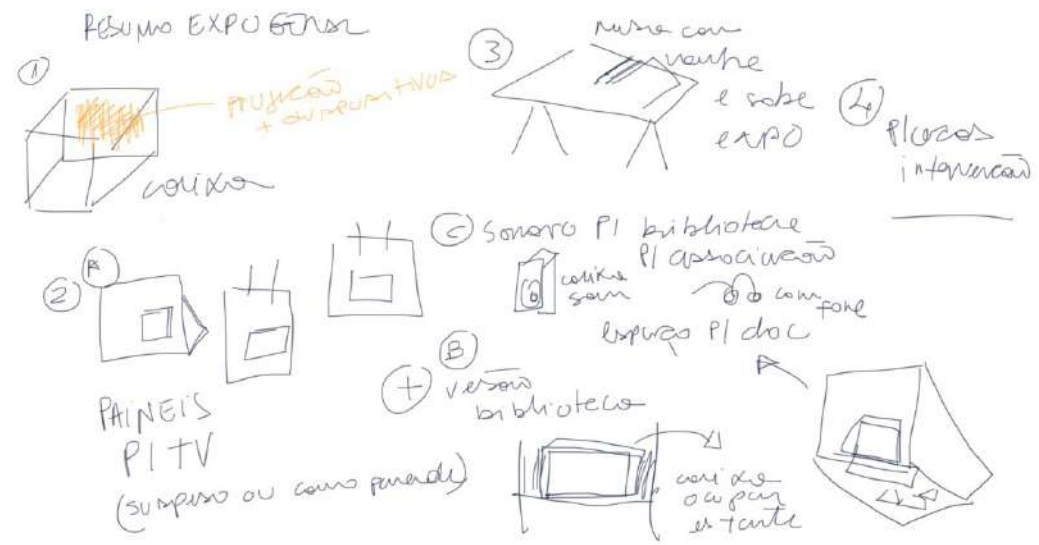


Lavadeiras

Curta-Metragem - 4:25

ficção

Lis has a dream. She wants to be an example for the other girls in the community.



Exposição Cinema no Brejo - É tempo de Colheita!

Registros do aprender em deslocamento. Um processo formativo onde movimento e encontro tornam-se possibilidade expressiva, cognitiva, dando chance ao pensamento nascido ao ar livre.

Uma trama de caminhos onde cada jornada abriga uma narrativa tecida por pés, mãos, olhos, falas e lembranças. Um convite a demorar o olhar e a escuta sobre o lugar onde se vive, onde se constróem afetos e histórias, na vida cotidiana.

Curtas-metragens, fotografias e sonoridades da vida na serra cearense compõem a exposição Cinema no Brejo - É tempo de Colheita! “Caridade”, “Lavadeiras”, “Serra dos ETs” e “Modos de Vida” são realizações de jovens de diferentes localidades do Maciço de Baturité que estiveram presentes nestes ciclos formativos.

Se é do chão plano que surge a orientação de planejar caminhos, aqui nos permitimos também prestar atenção ao movimento do vento, às imprevisibilidades onde a descoberta acontece. Na narrativa da vida constituída pela experiência concreta do dia-a-dia, reunimos saberes e apresentamos frutos da arte de perambular, peregrinar, perigar juntos.



Exposição Cinema no Brejo É tempo de colheita!

EQUIPE

Coordenadores:
Ana Paula Vieira
Clara Bastos
Leonardo Câmara
Ríbia Mércia

Produtores Locais:
Denilson Lima
Mateus Ferreira

Designer:
Juliana Siebra

Comunicação e Imprensa:
Marina Holanda

EXPOSIÇÃO
Tutora:
Waleria Américo

Assistente de tutoria:
Ingra Rabelo

Produção de estrutura:
Oficina Gato Preto

Montagem:
Oficina Gato Preto (Márcio Salas)
Ingra Rabelo

Monitores de mediação:
Geani David Lima da Silva
Warney de Jesus
Geiziane Alves
Simara Brasileiro de Lima

PUBLICAÇÃO
Textos:
Equipe Cinema no Brejo

Diagramação e Ilustrações:
Juliana Siebra

TRABALHOS FINAIS
Edição e Finalização:
Mateus Silva

Convidadas e Convidados:
Cláudio Amari
Eric Barbone
Kiko Alves
Márcos Arruda
Nataly Rocha
Thais de Campos
Vandio Frazon
Vivi Rocha
Yshallo Rodrigues

Alunos:
Alyvia Diet
Alanz Bernardino Braga
Claudimiro Ribeiro
Cristiano Filho
Davi Bernardino
Davi Victor Alves Moura
Denilson Lima
Francis Moura
Franciane Thaisara Pires De Jesus
Franciele Gomes
Gean David Lima da Silva
Geiziane Alves
Janaíza Alves Moura
Joyce da Silva
Laura Bernardino
Lidia Ferreira da Silva
Luhana Da Silva
Luiz Victor Almeida Lima
Marta Gabriela dos Santos
Menezes
Marta Nicara Pires De Jesus
Mateus Ferreira da Silva
Nayara De Lima Tavares
Paulo Henrique Lima
Rodrigues
Paulo Inaki Soares Marreiros
Samara Marques
Thaisara Menezes Gomes
Thais
Vivianes Gesteira
Warney de Jesus Oliveira

É muito comum associarmos de imediato as grandes narrativas e contadores de histórias da humanidade a peregrinos, viajantes que, quando retornam para casa, relatam orgulhosamente as aventuras vividas em forma de novas saberes aos que ficaram. As boas histórias, desse modo, costumam estar sempre vinculadas às grandes realizações, às conquistas imprevistas, à exploração do infinito, ao perigo, ao desconhecido.

Mas as histórias de uma aventura em um território de inexplorado não necessariamente implicam percorrer grandes distâncias ou acumular feitos surpreendentes. O desconhecido pode ser descoberto dentro de uma gaveta, na frequência atípica de quando o avô era jovem, no canto escondido do quarto, no jardim do fundo da casa do vizinho, na memória compartilhada da avó, nos pequenos diários feitos por amigos, nas paisagens e geografias do território onde se vive. Contudo, é preciso estar atento, aguçar o olhar para os pequenos movimentos quase imperceptíveis, aguçar a escuta para os sons e narrativas que emergem ao redor, exercitar a capacidade imaginativa e criadora.

Ao longo do percurso formativo do Cinema no Brejo, procuramos privilegiar as narrativas que já habitaram o imaginário nos lugares onde estivemos. Juntos, traçamos mapas, percorremos estradas, cultivamos ideias, ouvimos e escrevemos histórias. No aprofundamento de si mesma como uma possibilidade de arquivamento com as práticas locais, com os saberes da região, com as memórias dos moradores. Ao mesmo tempo, buscamos a maneira pensativa das histórias locais para fazer nossas próprias histórias. As histórias curtas para o mundo ao redor, inventamos diálogos entre mundos.

Durante 3 meses plantamos palavras, gestos, sons, imagens, paisagens, personagens, memórias, desejos, aprendizagens, descobertas, brincadeiras, emoções, conexões, encontros, criações. Agora, é tempo de colheita! Convidamos vocês a endereçar as colheitas, a fazer o gesto generoso e compartilhar conosco os frutos que surgiram deste processo de cultivo intencional e desafiador. Neste sentido, aqui temos vídeos, narrativas, histórias de cada região, a história da cidade, as histórias dos extraterrestres, contadores de histórias, a história da família de lavadeiras etc. A essência é ser visto lá, aqui, sempre pela janela do olhar, pela capacidade imaginativa, pela liberdade do desconhecido. Este é só o começo, juntos seguiremos a terra para que as histórias continuem a brotar. Mão à obra!

Equipe Cinema no Brejo





Equipe

Coordenadores:

Ana Paula Vieira

Clara Bastos

Leonardo Câmara

Rúbia Mércia Medeiros

Produtores Locais:

Denilson Lima

Mateus Ferreira

Designer:

Juliana Siebra

Comunicação e imprensa:

Marina Holanda

Alimentação

Helena Andrade

Eridan Andrade

Joelly Barros Leal

Magnólia Raulino

Transporte / ônibus escolar (Mulungu)

Jean Fábio Semião

Transporte (Brejo)

Tiago Raulino Taveira

EXPOSIÇÃO

Tutoria:

Waléria Américo

Assistente de tutoria:

Ingra Rabelo

Produção de estrutura:

Oficina Gato Preto

Montagem:

Oficina Gato Preto (Marsuelo Sales)

Ingra Rabelo

Monitoria e mediação:

Gean David Lima da Silva

Warney de Brito

Geiziane Alves

Simara Brasiliano de Lima

Francyele Gomes

PUBLICAÇÃO

Textos:

Equipe Cinema no Brejo

Diagramação e ilustrações:

Juliana Siebra

TRABALHOS FINAIS

Edição e Finalização:

Matheus Silva

Convidadas e Convidados

Cláudio Amaro

Eric Barbosa

Kiko Alves

Marcos Arruda

Nataly Rocha

Thaís de Campos

Vanildo Franco

Vivi Rocha

Ythallo Rodrigues

Alunos:

Akylla Dieb

Alaiz Bernardino Braga

Claudemir Ribeiro

Cristiano Filho

Davi Bernardino

Davi Victor Alves Moura

Denílson Lima

França Moura

Francisca Thainara Pires De Jesus

Francyele Gomes

Gean David Lima da Silva

Geiziane Alves

Jonas Alves Moura

Joyce da Silva

Laura Bernardino

Lídia Ferreira da Silva

Lohana Da Silva

Luíz Victor Almeida Lima

Maria Gabriele dos Santos Menezes

Maria Naiara Pires De Jesus

Mateus Ferreira da Silva

Naiara De Lima Tavares

Paulo Henrique Lima Rodrigues

Paulo Ítalo Soares Marreiro

Samara Marques

Tainara Menezes Gomes

Thiê

Vinícius Cezário

Warney de Brito Oliveira

Agradecimentos

Joana Angélica
Luiz de França
Fátima Lima
Raimundo Lima
Cláudia Leal
Helena Andrade
Denilson Lima
Mateus Ferreira da Silva
Everardo Cosme Pinto
Eridan Pinto
Joelly Leal
Magnólia Raulino
Marcelino Taveira
Joana Angélica Taveira
Clélia Rodrigues
Jean Fábio Semião Teixeira
Thiago
Neto Rodrigues
ACUSU - Associação Comunitária União Serrana Uirapuru
Escola Prof. Milton Façanha Abreu
Escola Eduardo Taveira
Escola Maria Amélia Pontes
Escola Hermenegildo Rocha Pontes

Secretaria de Cultura de Mulungu
Secretaria de Cultura de Baturité
Sítio São Roque
Mônica Farias
Aninha (Sítio São Roque)
Amigos da Arte de Guaramiranga - AGUA
Vanildo Franco
Nilde Ferreira
Aline Lima
Waléria Américo
Ingra Rabelo
Marsuelo Sales
Matheus Rocha
Eric Barbosa
Marcos Arruda
Kiko Alves
Thais de Campos
Claudio Amaro
Nataly Rocha
Vivi Rocha
Ythallo Rodrigues
Cláudia Mont'Alverne
Beatriz Montalverne
Érico Araújo Lima
Rafael Brasileiro
Emília Schramm
Maria Luciene
Silvana Paiva

Ana Paula Medeiros
Socorro Bernardino
Eugênio (Jesuítas)
Wedney Rodrigues
Amanda Carneiro
Washington Viana
Bruno Gomes
Rafael Brasileiro
Solon Ribeiro
Yuri Firmeza
Bebel Coelho
Érico Araújo de Lima
Rogério Brasiliano
Amélia Ferreira
Antônia Maria Almeida
Márcio Fernandes
Alexandre Veras
Márcia (Escola Maria Amélia Pontes)
Benedita Barroso (Lameirão)
Grupos Os Solistas (alunos do curso básico de música de Guarairanga)

Agradecemos aos familiares que apoiaram essa experiência do projeto Cinema no Brejo

Agradecemos a todas e todos realizadores/ realizadoras que cederam seus filmes para as sessões do CineBrejo, ao público do cineclube itinerante e a todas as comunidades que passamos com o CineBrejo.





CINEMA NO BREJO

Apoio

Este projeto é selecionado
RUMOS
Itaú Cultural

Realização

CRATAPA

Parceria

trincheira

ACUSU
Associação Comunitária
União Serrana Uirapuru

**ESCOLA
EDUARDO
TAVEIRA**

MFA
Milton F. Abreu
Mulungu-Ce

GOVERNO MUNICIPAL DE
MULUNGU
Secretaria de Cultura
Turismo e Desporto